

Imagem e resistência no cartum pelo olhar da análise de discurso: uma reflexão a partir de um texto sobre Aylan Kurdi

Andrêssa dos Santos Galvão

Luciana Iost Vinhas

Submetido em 07 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 19 de dezembro de 2016.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 52, mês de dezembro. p. 182-198

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
- (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016

23:59:59

IMAGEM E RESISTÊNCIA NO CARTUM PELO OLHAR DA ANÁLISE DE DISCURSO:

UMA REFLEXÃO A PARTIR DE UM TEXTO SOBRE AYLAN KURDI

IMAGE AND RESISTANCE IN THE CARTOON THROUGH THE VIEW OF THE DISCOURSE ANALYSIS: A STUDY BASED ON A TEXT ABOUT AYLAN KURDI

Andrêssa dos Santos Galvão*

Luciana Iost Vinhas*□

RESUMO: O trabalho visa à análise de um cartum publicado em 2 de setembro de 2015, por ocasião de um acontecimento histórico, o qual modificou determinadas práticas sociais. A fotografia de Aylan Kurdi, cujo corpo foi encontrado na beira da praia de Bodrum, gerou uma comoção mundial e culminou na produção de cartuns por especialistas de várias partes do mundo, veiculados em diferentes mídias. Considerando o cartum enquanto materialidade discursiva, pretendemos analisar, à luz da Análise de Discurso pecheuxiana, um dos cartuns produzidos a partir da fotografia do menino, desenvolvendo uma reflexão sobre os efeitos de sentido que passaram a entrar em circulação. Com isso, trataremos do gênero cartum pelo viés discursivo, relacionando os níveis intra e interdiscursivo.

PALAVRAS-CHAVE: cartum; imagem; Formação Discursiva; Ideologia.

ABSTRACT: The study aims to analyze a cartoon published in September 2, 2015, due to a historical happening that changed certain social practices. Aylan Kurdi's photography shows his body on the beach of Bodrum, and this image caused a worldwide commotion, culminating in the production of cartoons by specialists from different parts of the globe. Considering the cartoon as a discursive materiality, we analyze, through the view of Pêcheux's Discourse Analysis, one of the cartoons produced from the photography of the boy, developing a reflection about the meaning effects that entered in circulation. We

□* Graduada em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Mestranda em Letras e bolsista CAPES no Programa de Pós – Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (Ucpel). E-mail: galvaosd@gmail.com.

□* Professora de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: lucianavinhas@gmail.com.

will also discuss about the gender cartoon through a discursive approach, relating the intra and interdiscursive levels.

KEYWORDS: *cartoon; image; Discursive Formation; Ideology.*

1. Introdução

A fotografia¹ do menino sírio Aylan Kurdi, de três anos, cujo corpo foi encontrado na beira da praia turca de Bodrum, Turquia, gerou uma comoção ao redor do mundo e suscitou debates acerca da crise dos refugiados na Europa, além de colocar em evidência a posição de determinados países no que diz respeito ao acolhimento desses refugiados.

A situação dos imigrantes ganhou destaque internacional dentro do cenário político-histórico-social contemporâneo. Países que negavam asilo a refugiados e que não apoiavam políticas que dessem assistência aos mesmos passaram ou a oferecer abrigo a essas pessoas ou a tentar auxiliar na chamada *crise dos refugiados*.

A foto de Aylan, a qual viralizou na internet e nas redes sociais online, culminou na produção de cartuns, que foram veiculados em diferentes mídias (*twitter, facebook, jornais, etc.*), produzidos por especialistas de várias partes do mundo. Esses cartuns colocam em circulação efeitos de sentido diferentes daqueles que circularam a partir da fotografia publicada e compartilhada na rede, atingindo diretamente o coração da crise através da atuação da memória afetivo-discursiva² (SILVA, 2010), a qual é “convocada em virtude da rememoração dos sentimentos e acontecimentos no ritual de interpelação ideológica da FD de referência” (p. 12).

Com base nesse cenário, torna-se importante desenvolver uma reflexão sobre os efeitos de sentido produzidos a partir da fotografia do menino, os quais passam a mobilizar uma dimensão discursivo-afetiva, trazendo à tona um conflito entre discursos antagônicos. Para tanto, no âmbito dos estudos da linguagem, trabalhamos com a Análise de Discurso de Michel Pêcheux (AD) para consubstanciar teórica e analiticamente a reflexão que será desenvolvida, a fim de perceber de que forma a materialidade do cartum analisado se relaciona com os níveis intra e interdiscursivo, além de verificar quais os efeitos de sentido decorrentes dessa relação.

Além disso, a repercussão da foto e das leituras da mesma (por meio dos cartuns) produziram efeitos no real, uma vez que tiveram consequências em

¹ A fotografia de Aylan Kurdi foi feita pela fotógrafa Nilüfer Demir e publicada pela agência turca em que trabalha, a DHA.

² Consideramos o estudo de Silva (2010) sobre a memória afetivo-discursiva como importante para a compreensão do processo de produção dos cartuns sobre Aylan Kurdi, compreendendo que os cartuns produzidos a partir da imagem do menino só o foram em função dessa relação afetiva com a imagem do seu corpo na beira da praia de Bodrum.

determinadas práticas sociais, isto é, modificaram a visão e atitudes de rejeição a refugiados. Daí a importância de perceber o movimento dessas materialidades e de compreender a forma como esses discursos produzem sentidos, afetados por uma dimensão afetiva da memória.

Sendo assim, o presente trabalho justifica-se por fomentar uma discussão necessária sobre as possibilidades de leitura dos cartuns que surgiram a partir da imagem publicada, além de apontar para um problema vivido por cerca de 65 milhões³ de pessoas e que ganhou relevância após a divulgação da fotografia de Aylan. Ainda se justifica por ser feita uma reflexão sobre os efeitos do acontecimento histórico, que é textualizado na fotografia e (re)textualizado no cartum, na formação social atual.

Apesar de se considerar aqui a importância das leituras produzidas pelos diferentes cartuns publicados a partir da repercussão da fotografia, o presente trabalho objetiva analisar somente um dos muitos cartuns que circularam nas redes sociais online. O cartum selecionado para a discussão foi produzido por Rafat Alkhateeb, publicado em seu *Facebook* em 2 de setembro de 2015.

Ao longo do texto, será feita uma delimitação do gênero cartum pelo viés discursivo, levando em consideração outros trabalhos presentes na literatura. A partir desta reflexão, será feita uma leitura discursiva do cartum, tomando como base os pressupostos teóricos da Análise de Discurso.

Na medida em que lançamos, no decorrer da reflexão, um olhar discursivo para o gênero cartum, será possível articulá-lo ao dispositivo analítico, relacionando conceitos basilares da AD, a caracterização do gênero (via AD), e as condições de produção do cartum. O processo analítico dar-se-á de maneira dialética, ou seja, sempre haverá um movimento da teoria para o *corpus*, e do *corpus* para a teoria, assumindo-se que existe uma dupla constituição necessária para o desenvolvimento da descrição e da interpretação do *corpus* discursivo.

2. Pressupostos teórico-analíticos

2.1 A Análise de Discurso e a materialidade imagética

O presente trabalho pauta-se na Análise de Discurso de linha francesa e, para tanto, é necessário fazer um breve resgate teórico de conceitos basilares que deverão sustentar a análise e que auxiliarão na configuração discursiva para o gênero cartum.

A Análise de Discurso compreende a língua como uma das formas de existência material da ideologia, compreendida como heterogênea, sujeita a falhas e equívocos. É considerada na sociedade e na história, sendo necessária, para o processo de

³ O relatório anual “Tendências Globais” (“Global Trends”), que registra o deslocamento forçado ao redor do mundo com base em dados dos governos, de agências parceiras e do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), aponta um total de 65,3 milhões de pessoas deslocadas por guerras e conflitos até o final de 2015.

constituição e de circulação dos sentidos, a intervenção da ideologia. O que garante a opacidade da língua é, justamente, a intervenção do funcionamento da ideologia.

Portanto, nesta teoria, a língua não pode ser entendida a partir de uma concepção formalista, pois a AD reconhece que ela possui um funcionamento ideológico e, em função disso, as suas formas materiais estão investidas desse funcionamento ideológico (LEANDRO-FERREIRA, 2000). A materialidade linguística não prevê um instrumento de comunicação ideologicamente neutro ou um código, mas, na verdade, é reconhecida como lugar material onde se efetuam os processos discursivos que mobilizam sentidos.

A AD compreende a Teoria Psicanalítica como constitutiva de seu quadro epistemológico (PÊCHEUX; FUCHS, 1997). É em função disso que se compreende que a materialidade linguística é constituída e afetada pelo Real, o que implica um escape à univocidade. A partir da teoria lacaniana, pode-se dizer que o Real é o impossível, significando que sempre existirá um furo. Esse furo é parte da constituição subjetiva e ocasiona a possibilidade de ocorrência de escapes no processo de interpelação ideológica. É dessa forma que, na Análise de Discurso, não se entende a subjetividade como completa, ao mesmo tempo em que a língua não coloca em circulação todos os sentidos possíveis.

Tendo em vista que a língua produz sentidos e que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, o discurso é concebido como lugar onde sujeitos e sentidos se relacionam, porém, afetados pela língua e pela história. Esse processo configura-se a partir dos níveis interdiscursivo e intradiscursivo, considerando-se o interdiscurso como aquilo que fala antes, em outro lugar, de forma independente; é todo saber discursivo que retorna sob a forma de pré-construído. O intradiscurso, por sua vez, é o eixo da formulação, da linearidade linguística, ao passo que o interdiscurso é o eixo da constituição.

Um conceito importante para a AD é o de formação ideológica, que compreende uma ou várias formações discursivas (FD); interligadas, as formações discursivas determinam o que pode ou não ser dito em uma dada conjuntura, e, a partir desse funcionamento, elas censuram determinados saberes que não podem (nem devem) atuar em seu interior (exceto através de um acontecimento enunciativo). Conforme Pêcheux e Fuchs (1997), as formações ideológicas formam um conjunto complexo de ações e representações que se relacionam com *posições de classes* em conflitos umas com as outras. As atitudes e representações que formam esse conjunto não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ e a relação com as posições de classes dar-se-á mais ou menos diretamente. Para os autores,

[...] a *espécie* discursiva pertence, assim pensamos, ao *gênero* ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas [...] “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura”, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho

ideológico, e inscrita numa relação de classes. (p. 166-167, grifos dos autores).

O sujeito se subjetiva no processo de identificação com saberes e encontra-se identificado com essa rede de formulações. O sentido, logo, não existe em si, antes, é determinado a partir das posições ideológicas que são postas em cena. Portanto, as palavras derivam sentidos a partir das formações discursivas nas quais estão inscritas.

Para pensar discursivamente a linguagem é necessário perceber que é a partir da tensão entre o mesmo e o diferente que se dá seu funcionamento, ou seja, a partir da relação entre os processos parafrásticos e os processos polissêmicos é possível analisar discursivamente a materialidade linguística, e a noção de formação discursiva é essencial para a compreensão desse jogo simbólico. Isso se justifica pelo fato de o processo de significação depender da relação do sujeito com a FD que o interpela, sendo que essa relação permite o funcionamento da paráfrase ou da polissemia em função de o jogo com a materialidade colocar em evidência a resistência à determinação ideológica.

Nos processos parafrásticos há algo que se mantém, o já-dito, a memória do dizer e, nos processos polissêmicos, percebe-se um deslocamento, uma ruptura no processo de significação. Segundo Orlandi (2015, p. 36), a partir da paráfrase é possível retornar aos mesmos espaços do dizer, pois a formação discursiva seria considerada a “matriz do sentido” (apesar de se ter em mente que a estabilidade da formação discursiva é relativa); já a polissemia é tida como a simultaneidade de diferentes movimentos de sentido em um mesmo objeto simbólico.

O trabalho de análise que será desenvolvido com base em um cartum buscará articular os elementos acima citados. Para que tal objetivo seja atingido, torna-se necessário compreender como a materialidade imagética opera no processo simbólico, dado a sua especificidade constitutiva.

A partir disso, é importante afirmar que a AD se interessa por diferentes práticas discursivas, como, por exemplo, a imagem, o som e a letra (ORLANDI, 2015, p. 60), e, considerando que se pretende analisar um cartum com predominância imagética, buscamos referentes teóricos que se inscrevem na Análise de Discurso pecheuxtiana e que concebem a imagem como materialidade discursiva. De acordo com o trabalho de Vargas, Medeiros e Beck (2011), é importante perceber o que está visível e o que está invisível na imagem, isto é, verificar o jogo discursivo que é observável a partir da composição visual da imagem e o que não é perceptível de imediato. Para os autores, o que é da ordem do visível é formulado a partir de uma rede parafrástica. Já o que é da ordem do invisível remete a algo da ordem do extralinguístico. É neste espaço que o analista deve operar, buscando outros sentidos possíveis.

O imagético, pensado pelo prisma da AD, pode ser percebido, assim como o é a língua, como uma forma de existência material, uma vez que a ideologia também se materializa através de imagens (fotografias, desenhos, rabiscos, etc.). Logo, nessa perspectiva, ela será tratada como discurso, tendo em vista que, segundo Fernandes (2015, p. 68), “a imagem não é só corpo, nem só ‘mensagem’, ela é o material bruto da

relação entre o sujeito e a exterioridade, entre linguagem e história, entre intenção e imaginação, ou seja, é ideológica assim como a língua”.

Desse modo, o imagético produz sentidos, uma vez que textualiza, de forma diferente, o discurso, por meio de cores, formatos e texturas distintas. A imagem, segundo a autora (2015, p.72), faz ressoar redes de formulações verbais e visuais que produzem sentidos a partir da memória discursiva⁴. No presente trabalho deve-se considerar que a ideologia poderá materializar-se em imagens e, também, na leitura feita a partir das imagens, revelando o processo de identificação do sujeito com as formações discursivas em jogo. Isto posto, é possível pensar que a imagem, tanto quanto a língua, não é transparente, ou seja, é opaca, pois os sentidos não estão dados a priori.

A imagem, desta forma, deve ser considerada uma materialidade a ser desopacizada, tendo em vista que é investida de significação. Para tanto, a linguagem visual, tanto quanto a verbal, irá reclamar sentidos e inscrever-se em uma rede de filiações de memória. A partir daí, é possível dar visibilidade aos sentidos que a imagem movimenta.

No presente texto, a imagem será tratada como um texto a partir do qual se pode ter acesso ao discurso, pois, segundo Ernst e Quevedo (2013a), ela, na condição de um efeito-texto, submete-se aos mesmos efeitos a que se submete o verbal, isto é, em seu âmbito discursivo, a imagem é passível de equívoco, é opaca e tem suas condições de produção apagadas. Os mesmos autores, em outro texto, tratam a imagem como “um gesto de leitura, prenhe de História, a ser administrado por outros gestos de leitura” (ERNST; QUEVEDO, 2013b).

Ernst e Quevedo (2013a; 2013b) fazem uma divisão entre imagem empírica e imagem como a produção de uma leitura. À imagem concreta, objeto de trocas sociais, é dado o nome de imagem objeto empírico (doravante *imagem – OE*), ao passo que a imagem historicamente significada, ou seja, o processo que textualiza a imagem empírica, será chamada de *imagem leitura*, a imagem propriamente dita. A imagem empírica seria o suporte para a imagem leitura, sendo que a primeira somente existe como objeto teórico, dado que sempre está fadada à interpretação, ou seja, ela só existe a partir de um olhar que a significa, afetado pelo funcionamento das formações discursivas que interpelam o indivíduo em sujeito. Os próprios autores mencionam que “a imagem, assim, longe de ser um enquadramento consensual ou mesmo pacífico do olhar, é, antes de mais nada, a projeção em um suporte textual de um olhar investido de História” (ERNST; QUEVEDO, 2013b, p. 330).

Lagazzi (2013, p. 02), ao abordar o acontecimento simbólico do corpo discursivizando o social, diz que para compreender a textualização das imagens é necessário perceber que as formulações visuais do corpo podem se desdobrar em diferentes imagens do sujeito e ainda nos mostrar a importância da remissão do

⁴ A memória, aqui, será tomada conforme afirma Orlandi (2015), como interdiscurso, isto é, como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. É todo o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível e que sustenta cada tomada de palavra.

intradiscurso ao interdiscurso. Logo, o corpo e sua discursivização também devem ser considerados na análise.

2.2 *Um olhar discursivo para o cartum*

Como parte do aporte teórico, é fundamental conceber uma compreensão discursiva do gênero cartum, uma vez que existem estudos e perspectivas teóricas que se utilizam desse gênero, porém com outro olhar. Tomando como base o que já se conhece em termos de cartum, o que se tem feito em Análise do Discurso com relação ao gênero e, também, as concepções de discurso (polêmico, lúdico e autoritário), será possível analisar, pelo viés discursivo, o gênero cartum a partir de seus elementos linguísticos e imagéticos.

Partindo de concepções da teoria bakhtiniana, é possível perceber que o gênero cartum e o gênero charge em muito se parecem, daí a necessidade de traçarmos algumas características de ambos os gêneros. Há uma linha tênue que os separa e os distingue, e tal linha é fundamental para a apreensão dos sentidos produzidos pelos gêneros, uma vez que, apesar de circularem nos mesmos espaços, nem sempre tratam dos mesmos assuntos ou de maneira idêntica, como muitos acreditam.

Bakhtin (1992) postula que, para uma dada situação, existe um determinado gênero do discurso que circula nesse meio. Segundo o autor,

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1992, p. 279)

Essa estabilidade relativa se dá porque os gêneros do discurso são passíveis de transformação, devido às mudanças constantes da nossa sociedade. Isto posto, tanto o cartum quanto a charge circulam em jornais e em revistas (impressos ou digitais); são textos humorísticos⁵, satíricos e que tendem a fazer crítica a determinada pessoa ou situação.

Todavia, é necessário perceber em que ponto o cartum e a charge tornam-se passíveis de diferenciação. A busca pela origem do cartum nos leva ao ano de 1841. O

⁵ Ao buscar referentes teóricos que utilizam o gênero cartum como *corpus*, é perceptível a menção ao humor que o mesmo produz. Todavia, o presente trabalho não visa a discutir essa questão e a compreender como o humor se materializa (ou não) no cartum, deixando este debate para trabalhos futuros. É possível que a reflexão sobre a relação entre cartum e o humor possa ser articulada através da noção de memória afetivo-discursiva (SILVA, 2010), conforme mencionado em outro momento do texto.

termo é de origem britânica e era vinculado à revista *Punch*⁶, sendo o seu significado original “estudo” ou “esboço”.

Segundo Rocha (2000, *apud* Araújo 2015, p. 64), o cartum é uma ilustração humorística que tem como objetivo estabelecer uma crítica à política; o texto pode ou não conter uma caricatura, focaliza uma realidade genérica e é atemporal.

Por sua vez, a charge, vista pelo prisma bakhtiniano, é concebida como

um gênero discursivo que lida com o repertório imediato, operando com a seleção e combinação de elementos para criar uma cena. Por ser temporal, depende da visão de mundo do leitor para ser reconhecida, além de tratar necessariamente de assuntos atuais. (BAKHTIN, 1992, p. 64)

Essas pequenas diferenças entre os dois gêneros conferem um maior entendimento da relação que há entre a temática e o gênero em si, pois, com base em sua composição, na durabilidade e na forma como se apresenta o gênero, pode-se saber se estamos expostos a um cartum ou a uma charge.

No que tange aos trabalhos desenvolvidos em AD, a concepção dos gêneros cartum e charge corrobora com algumas de suas características presentes na Teoria dos Gêneros, pois, segundo Cyrre (2014), a charge e o cartum são materialidades que apresentam uma estrutura imagética, uma dose de humor, e sua publicação se dá em jornais (impressos ou digitais), revistas e *sites*.

Indo adiante, a autora dirá que ambas as materialidades são constituídas de imagem e palavra, sendo a primeira indispensável e a segunda opcional. Nestas produções, o chargista ou o cartunista busca chamar atenção para os aspectos cômicos do assunto de que está tratando. Enquanto a charge reproduz personagens da vida real, o cartum utiliza bonecos para representar aspectos do cotidiano.

A durabilidade e o impacto causados pelo cartum o tornam singular para este estudo. Conforme Cyrre (2014, p. 29), “as charges, por suas marcas caricaturais, são datadas e, por conseguinte, mais efêmeras”, isto é, o caráter perene do cartum, articulado com o impacto que a imagem de Aylan teve, em nível global, configura uma análise interessante, uma vez que não estamos tratando de um assunto isolado, mas, sim, de uma crise que tem como um dos motivos uma guerra civil que iniciou em 2011 e se estende até o momento presente (2016).

Tal aspecto do cartum também é referido em Ernst e Quevedo (2013b). Os autores dizem: “atualmente, há quem faça distinção entre o cartum (texto atemporal, em que geralmente há crítica de costumes) e a charge (texto mais sensível às condições enunciativas de produção, especialmente às temporais)” (p. 327). Por outro lado, mencionam que “a charge é vendida como um instrumento de denúncia, uma crítica sagaz, como um texto de leitura rápida, como a possibilidade do lúdico e da subversão pelo humor, como discurso das ruas e a possibilidade do novo que esse texto traz” (p.

⁶ A revista britânica *Punch* introduziu o termo *Cartoon*. Pautava suas publicações em humor e sátira. Iniciou suas atividades em 1841 e as finalizou em 1992. Depois de quase quatro anos, voltou a publicar em 1996, porém, encerrou novamente as suas atividades em 2002.

326). Desse modo, parece que um dos principais aspectos que diferenciam o cartum da charge diz respeito à noção de tempo.

É importante salientar o espaço do humor no cartum, uma vez que a charge, segundo Machado (2000, p. 39), além de criticar, fazer refletir e denunciar, recorre ao humor a fim de alcançar seus objetivos. No cartum, o humor tem seu espaço, todavia, conforme Cyrre,

[...] é entendido [...] como a representação pictórica em que se comenta um fato específico, geralmente de caráter político. Por seu caráter revelador, o cartum, além de criticar, denunciar e fazer refletir, vale-se, **algumas vezes**, do humor para alcançar seus objetivos. (2012, p. 31; grifos nossos)

O cartum apresenta uma ruptura de caráter social, ou seja, propõe, a partir da articulação entre a materialidade verbal e imagética, uma nova visão sobre o tema apresentado. Quanto à temática, Cyrre (2014, p. 29) destaca que “o cartum **aborda temas universais** e chega ao riso através da **crítica mordaz**, satírica, irônica e, principalmente, humorística do comportamento do ser humano, **das suas fraquezas**, dos seus hábitos e costumes” (grifos nossos).

Um último ponto a ser salientado sobre a estrutura do gênero cartum diz respeito à sua constituição verbal e visual. Ernst e Quevedo (2013b) mencionam que a charge possui tanto formulações verbais quanto formulações visuais e verbo-visuais. O mesmo pode ser dito sobre o cartum, constituindo-se, portanto, como um gênero caracteristicamente verbo-visual, podendo existir o predomínio de uma materialidade em relação à outra ou, até mesmo, a ausência do verbal.

Portanto, a abordagem de temas universais, através da crítica mordaz, expondo as fraquezas do ser humano, compõe um quadro interessante para a análise do *corpus* escolhido, uma vez que propomos um trabalho com o gênero cartum que não fique preso somente ao aspecto verbal e que perceba a materialidade discursiva verbo-visual enquanto efeito do funcionamento da ideologia.

2.3 Os três discursos

Por fim, cabe apontar para a distinção que Orlandi (2011) faz dos três discursos, uma vez que este será o caminho através do qual chegar-se-á a uma relação entre o gênero cartum em sua perspectiva discursiva. Para a autora, existem diferentes modos de funcionamento do discurso, e, a partir dessas diferenças, ela distingue o discurso autoritário, o discurso polêmico e o discurso lúdico.

Por discurso lúdico se entende aquele que mantém presente seu objeto, ou seja, o referente mantém-se presente como tal. Os interlocutores, por sua vez, se expõem a essa presença e a polissemia está aberta. No discurso autoritário, há uma ausência do referente, pois este se mantém oculto pelo dizer; em outras palavras, não há um

interlocutor, pois este está apagado. Esse apagamento se dá pelo fato de o locutor colocar-se como único. Não há espaço para a interpretação por parte do locutor, uma vez que o sentido já está determinado. Em se tratando do discurso polêmico, a presença do objeto é mantida; todavia, os participantes não se expõem e mantêm-se numa constante disputa pelos sentidos.

Segundo Andrade (2012), no discurso lúdico o grau de persuasão é menor e, em casos mais específicos, pode haver o desaparecimento da verdade única. Por sua vez, no discurso autoritário, percebe-se a fixação da repetição de uma fala que já está institucionalizada. Por possuir um caráter exclusivista, ao surgir determinado assunto, surge também a voz da autoridade. Já no discurso polêmico há uma tendência de o sujeito querer tornar-se dominante, ou seja, os participantes do discurso tentam dominar seu referente, com a intenção de dar-lhe uma direção. Há, nesse discurso, uma luta, em que uma voz tende a derrotar a outra, o que ocasiona um maior controle da polissemia.

3. Análise e Interpretação

Para o presente trabalho, vamos colocar em funcionamento, na parte analítica, o sintagma *secção discursiva* (SD), conforme proposto em Quevedo (2012). As justificativas para o novo sintagma, considerando as especificidades da materialidade imagética, são as seguintes: “(i) não cabe a noção de linearidade de leitura implicada pelo termo “sequência” e (ii) a discriminação de elementos constituintes da imagem é uma operação de recorte do analista, que secciona a imagem em partes que julga relevantes destacar” (p. 140). Desse modo, ao invés de trabalharmos com *sequência discursiva* (COURTINE, 2009), realizaremos recortes no cartum, considerados como *secções discursivas* (SD), tomando em conta a atuação de elementos verbo-visuais em sua constituição.

O cartum foi produzido por Rafat Alkhateeb⁷ e publicado em 2 de setembro de 2015, originalmente em seu *twitter*. O texto diz respeito a uma (re)leitura do Mapa Mundi, podendo tal constatação ser inferida a partir dos elementos visuais presentes no cartum, conforme será discutido. No nível da formulação visual, temos um sintagma nominal, que está no canto superior à esquerda do mapa (SD1), os territórios à esquerda do cartum (SD2); o mar, à direita do cartum (SD3); a figura humana (SD4), o muro com arame farpado (SD5) e uma legenda no canto inferior à direita do cartum (SD6).

Na SD1, há o sintagma “WORLD NEW MAP”. No nível da formulação temos um já dito, porém atualizado, uma vez que o adjetivo “new” pressupõe um “velho” mapa. A partir disso, pode-se dizer que, no nível da constituição, temos o Mapa do mundo (re)significado, com uma nova configuração deste mapa “velho”, afetado por novas condições de produção. Os efeitos de sentido surgem a partir do restabelecimento dos implícitos, trabalho da memória discursiva (PÊCHEUX, 2007).

⁷ O cartum foi publicado originalmente no *twitter* de Alkhateeb e pode ser acessado no link que segue: <https://www.facebook.com/The.Cartoonist.Rafat/photos/a.575757379165187.1073741831.203363249737937/895748953832693/?type=3&theater>.

Orlandi (2015), ao falar sobre o interdiscurso, relaciona-o à memória do dizer, isto é, àquilo que fala antes, em um outro lugar, que possibilita todo o dizer e sustenta cada tomada de palavra. A autora salienta que o já-dito se relaciona diretamente com o que se está dizendo. Logo, essa (re)significação do Mapa Mundi traz do interdiscurso elementos que são postos em evidência no cartum de Alkhateeb.

Os territórios (SD2) estão comprimidos ao lado esquerdo do mapa, e estão mais unidos do que no “velho” Mapa Mundi, o que gera um estranhamento, uma vez que havia uma separação entre os territórios delimitada pelo mar. No lado esquerdo do mapa (ocidental), então, o mar *falta*, ao passo que, no lado direito (oriental), o mar está em *excesso*, ou, melhor dizendo, só existe mar. Entre a falta e o excesso se estabelecem os efeitos de sentido a partir da leitura do cartum⁸. Aqui a falta também significa, pois este elemento era presente na construção anterior, quando as águas do mar dividiam, de forma mais evidente, os territórios; no cartum de Alkhateeb, essa divisão diminui, a ponto de quase não haver separação. Desta forma, não há espaço para ampliação dos domínios geográficos, tendo em vista que não há para onde se movimentar.

No mar (SD3), só há a figura humana – SD4 – que possui uma relação parafrástica com a fotografia de Aylan Kurdi, encontrado morto na beira da praia de um dos países que mais abriga refugiados sírios em seu território, a Turquia. Todavia, Aylan não está na beira da praia, ele está à deriva, no mar, logo, há um deslizamento de sentido, o que configura um processo polissêmico, que produz novos sentidos. Portanto, trata-se, citando Ernst e Quevedo (2013a), de *uma mesma diferente imagem*. Assim como na fotografia, Aylan não tem seu rosto mostrado, ou seja, a imagem do rosto de Aylan – insuportável de ser vista – está censurada. A criança, aqui, é representada como sendo estranha ao que está do outro lado; é um estrangeiro, sem terra, por isso, à deriva.

Esse deslizamento de sentido nos possibilita interpretar que a criança constitui o seu próprio território, um território avesso àqueles territórios política e geograficamente delimitados na SD2, próprios aos sentidos normatizados e estabilizados. A criança, representando o que é estranho ao jogo político e ideológico dos territórios à esquerda, não tem espaço próprio e precisa dar território (terra) a si mesma. É como uma ilha à deriva no mar aberto da ausência de política e, por ser considerada, portanto, como estranha a qualquer Lei, a qualquer Constituição, é, nas palavras de Agamben (2010), um *homo sacer*, isto é, uma vida que não vale a pena ser vivida. Trata-se do sujeito da vida nua conforme o Direito Romano: aquele que podia ser morto impunemente, mas que, ao mesmo tempo, não devia ser sacrificado conforme as normas prescritas pelo rito, sendo uma vida matável e, ao mesmo tempo, insacrificável.

O muro (SD5) que divide o mapa não é um elemento próprio do Mapa Mundi, pelo menos não de forma explícita. Sabe-se que existem linhas divisórias imaginárias que separam as fronteiras, porém, no cartum, essa divisão se torna evidente, ou seja, aquilo que é da ordem do invisível surge no mapa como algo visível. No entanto, esse muro, que, no cartum, representa a divisão imaginária dos territórios, divide o mar e a terra, não as fronteiras. É como se, ao refugiado, só restasse a deriva, a marginalidade, a

⁸ Ao falar em *falta*, *excesso* e *estranhamento* estamos fazendo referência à teorização de Ernst (2009).

expatriação. Tais elementos aparecem, pois, metaforicamente no funcionamento discursivo do cartum através da imagem do muro.

Esse muro possui arames farpados (SD5), o que nos remete a um domínio de saber que determina o que pode ou não passar essas fronteiras, isto é, dizer que o que está do outro lado, o estranho, não tem espaço junto aos territórios. Pode-se entender que o arame farpado indica que não há um “meio termo”, não há a possibilidade de ficar sobre o muro. E é assim que se dá a constituição subjetiva na contemporaneidade: não se pode ocupar um lugar de entremeio nos processos de identificação concernentes às condições de produção da atualidade. Não se pode ser estranho no funcionamento da ideologia. Não se pode ter um lugar “à deriva”, pois esse lugar faz parte do impossível (Real) da formação social capitalista. É justamente esse estranho que coloca em xeque o “perfeito” funcionamento da ideologia e dos seus discursos logicamente estabilizados.

Através da imagem do muro existe a sinalização de que há uma contenção, imposta por um dos lados, e, pela forma como o mapa é (re)configurado, é permitido dizer que os territórios se unem a fim de impedir que o estranho entre, ultrapasse as fronteiras. A legenda do mapa (SD6) reforça essa posição, uma vez que não interessa o nome dos territórios, não importa quem ocupa essa posição, contanto que estejam unidos em prol da contenção.

O muro, enquanto materialidade discursiva, traz do interdiscurso um saber que reproduz uma ideologia vigente, que apregoa uma divisão entre os territórios, julgando necessário limitar a circulação de pessoas nas fronteiras dos países, o que exige uma atitude mais severa, como colocar um muro com arame farpado entre um espaço e outro.

O corpo discursivizado, a imagem leitura de Aylan Kurdi, está do outro lado do muro, reclamando um território; talvez seja por isso que se trate da figura central no cartum. Segundo Cyrre (2015, p. 01), a partir da repetição de dizeres e imagens, os cartuns materializam gestos de leitura que fazem ressoar outros sentidos provenientes do interdiscurso, que podem sofrer deslizamento e produzir novos efeitos de sentido. É esse o efeito produzido a partir da presença do menino Aylan como elemento central do texto analisado.

Logo, outro efeito de sentido produzido pela SD4 diz respeito ao tamanho do corpo, que, aqui, é maior do que os territórios, o que causa um estranhamento, pois sabe-se que é uma imagem leitura de Aylan Kurdi, uma criança; e, também, a partir da forma como os países “do outro lado do muro” estão organizados: estão todos amontoados, unidos, protegendo-se dessa ameaça “estranhamente familiar” que está do outro lado. Podemos compreendê-lo como uma ameaça que pode romper o muro e que causa medo nos territórios, daí a necessidade de um muro com arames farpados.

Esse corpo discursivizado, nestas condições de produção, com essas proporções, representa os refugiados que clamam por abrigo, que precisam que essas barreiras, imaginárias ou não, sejam rompidas. Ou seja, o que é visível a partir de uma rede parafrástica, chama atenção para o que é invisível. Desta forma, é importante salientar a invisibilidade destes grupos, que aqui são representados por Aylan, porém, uma figura

sem rosto, sem território, à deriva, por consequência, sem cultura, sem identidade, ou seja, morta em vida. É por isso que, conforme já mencionado, torna-se importante pensar sobre a questão contemporânea dos refugiados articulada ao pensamento de Agamben (2010). O autor, ao falar dos judeus presos nos campos de extermínio, os considera como sujeitos da vida nua, ou seja, sujeitos de uma vida indigna de ser vivida. Parece que tal conceito pode ser deslocado para as vidas dos refugiados na formação social atual: seres que, também, não têm vidas dignas de serem vividas, seres que não possuem uma pátria própria ou leis que lhes determinem socialmente.

Nesta linha de reflexão também pode ser trazido o pensamento de Rancière (1996). O autor, ao falar sobre a política, caracteriza-a como uma atividade que possui como parâmetro a igualdade, que, por sua vez, transforma-se em repartição das parcelas. Por parcelas, entendemos a parte que cabe a alguém numa divisão ou distribuição, uma parte que é de direito de uma pessoa.

O autor (1996) continua dizendo que há uma *divisão do sensível* entre os indivíduos e a humanidade, há uma configuração que determina como *partes têm parcela na comunidade*. Essa divisão se dá de duas maneiras: aquela que conta com uma parcela dos sem parcela e aquela que não a conta.

Aylan, no cartum de Alkhateeb, representa “a parcela dos sem parcela” (RANCIÈRE, 1996) aqueles que não ocupam espaço em nenhum território, não recebem seu quinhão (território) que legitimamente deveria ser seu. Em contrapartida, aqueles que ocupam os territórios são a parcela dos com parcela, isto é, fazem parte da contagem que Rancière chama de “falsa contagem”. O autor ainda chama atenção para essa soma ao dizer que,

Há várias maneiras de pensar o todo como apenas a soma de suas partes [...] O que ele não tolera mais, por outro lado, é a parte excedente, a que falseia a contagem da comunidade. O que ele precisa são de partes reais, que possuem ao mesmo tempo suas propriedades e a propriedade comum do todo. (1996, p. 123)

Essa parcela dos sem parcela não faz parte da contagem porque não possui uma propriedade comum com o todo, porque são estrangeiros, são estranhos. Os refugiados, aqui representados por Aylan, não fazem parte da contagem porque são estranhos ao que está do outro lado do muro. Daí a necessidade de os territórios se unirem e contarem somente com as partes que lhes são comuns. É, portanto, esse ideal de igualdade que nos remete a um saber proveniente do interdiscurso, que configura um indivíduo ideal, que compartilha características e ideologias. Logo, é possível dizer que o cartum coloca em evidência a opacidade da fotografia de Aylan, uma vez que materializa a contradição que não aparece na mesma.

Pensando na composição e no meio de circulação do cartum, chamamos atenção para a (re)configuração pela qual o gênero também passa, tendo em vista que este circula em jornais e revistas, o que coaduna com a ideia de Bakhtin (1992), pois os

gêneros, segundo o autor, podem diferenciar-se e circular em outros meios, baseados nas mudanças pelas quais as sociedades passam. Neste caso, o cartum foi originalmente publicado no *Twitter* de Alkhateeb, que, em entrevista ao *Independent* disse que “a principal ideia do *cartoon* é que uma criança não se preocupa com as guerras e os crimes. A criança só sabe uma coisa: que o mundo inteiro é responsável pela sua morte”.

Dessa forma, a circulação do gênero pode dar-se a partir da urgência de dizer algo a respeito do acontecimento histórico, isto é, não há a possibilidade de esperar a publicação em jornal ou revista, daí a necessidade de publicá-lo no *Twitter*, *Instagram* ou *Facebook*. O discurso que aqui se instaura é polêmico, uma vez que, a partir da forma como o cartum (re)configura o mapa e, também, da possibilidade de circulação do gênero, é posto em evidência um efeito de sentido dominante, que diz respeito a uma formação discursiva dominante.

Isto posto, é perceptível um rompimento com a maneira autorizada de interpretar a realidade, dado que os países que negavam asilo ou que não auxiliavam de maneira mais efetiva aos refugiados tiveram que tomar posição frente a uma crise. O cartum textualiza essa tomada de posição, dividindo o mapa e dando visibilidade aos discursos dos países que tiveram que se expor frente à situação. De um lado, aqueles que “têm pertencimento”; de outro, aqueles “que não têm pertencimento”.

De acordo com a BBC Brasil, à época, cerca de quinze países europeus recebiam solicitações de refúgio de cidadãos sírios. Dentre eles, a Alemanha, maior potência europeia, afirmou que receberia 800 mil refugiados em seu território. Em contrapartida, a Turquia já havia aceitado o triplo. Ainda, de acordo com o ex-premiê turco, Ahmet Davutoglu, enquanto a Turquia havia gasto cerca de 6 bilhões de dólares em auxílio à crise, a União Europeia havia investido somente 165 milhões de dólares, o que levou o representante da ACNUR⁹, Antonio Guterres, a afirmar à imprensa que “A desorganização e o sistema de asilo extremamente disfuncional da Europa contribuíram para agravar a crise dos refugiados”.

4. Considerações Finais

Através da análise aqui desenvolvida, concluímos que o cartum, enquanto gênero polêmico, põe em conflito formações discursivas antagônicas, colocando em evidência uma diferença ideológica antes naturalizada. O texto aponta para a necessidade de se falar sobre a crise dos refugiados na Europa, problematizando a forma como os sujeitos refugiados são representados internacionalmente. Uma vez que Aylan – metonimicamente simbolizando os sem parcela – está à deriva, uma parcela da população mundial está ocupando os territórios e amontoando-se a fim de renegar o estranho, o estrangeiro.

Cyrre (2015) compreende o cartum como uma trama entre o Eixo Verbal e um Eixo Imagético, que materializa, em seu gesto de leitura, as relações de força da sociedade. E é isso o que observamos no cartum analisado: um sintagma (eixo verbal), articulado a uma rede parafrástica (eixo imagético), os quais colocam em evidência as

⁹ Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.

posições ocupadas pelos que possuem pertencimento *versus* os que não possuem (relações de força da sociedade).

O cartum coloca em evidência a falha do funcionamento da ideologia capitalista (ideologia agindo contra ela mesma), daí entendermos o cartum como um discurso polêmico. Além de trazer à tona a posição dos países frente à crise, coloca em xeque a falha da ideologia, uma vez que a migração não está prevista nesse sistema.

Portanto, é possível concluir que o gênero cartum, analisado pelo viés discursivo, coloca em circulação, prioritariamente, o discurso polêmico. A composição imagética do cartum aqui analisado dá visibilidade a questões cruciais na discussão sobre os refugiados, além de ser possível circular em outros meios que não somente jornais e revistas. A partir da presente reflexão, podemos dizer que o cartum mobiliza um embate entre formações discursivas antagônicas que demonstram o funcionamento discursivo da ideologia.

REFERÊNCIAS

ACNUR. Tendências Globais sobre refugiados e outras populações de interesse do ACNUR. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/>. Acesso em: 20 jul. 2016.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ANDRADE, Glícia Kelline Santos. *Análise do Discurso: O poder da persuasão e papel da memória*. Anais Eletrônicos III ENILL. Itabaiana (SE). v. 3, p. 1-7, agosto, 2012. (ISSN: 2237-9908).

ARAÚJO, Marco André Franco de. *Os gêneros discursivos cartum e charge nas aulas de língua Estrangeira: o livro didático e suas atividades*. Cadernos Discursivos, Catalão- GO, v. 1 n. 1, p. 60-72, 2015. (ISSN 2317- 1006).

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BBC BRASIL. 'Nunca imaginei que uma foto pudesse ter esse impacto', diz fotógrafa que clicou menino sírio. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150901_foto_alan_kurdi_1k. Acesso em: 06 de setembro de 2016.

BBC BRASIL. *Oito capítulos para entender a crise na Síria, que dura mais de 4 anos*. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151012_crise_siria_entenda_rb. Acesso em: 5 de fev. 2016.

BBC BRASIL. *Os países que mais recebem refugiados sírios*. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150910_vizinhos_refugiados_1k. Acesso em: 25 de jul. 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck [et al.] São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CYRRE, Magda Lourenço. *A leitura de cartuns sob a perspectiva da AD francesa*. Cadernos do IL, Porto Alegre, nº 48, P. 22-36, junho de 2014. (ISSN 2236-6385 – versão eletrônica).

_____. *Gesto de leitura de cartuns: A campanha e o horário eleitoral como espetáculo*. Anais do VII SEAD. Recife, v.7, p. 1-8, out 13-16, 2015. (ISBN: 2237-8146 – online).

ERNST, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. Anais do VI Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

_____; QUEVEDO, Marchiori Quadrado de. *UMA mesma diferente imagem: que objeto é esse?*. Entretextos, Londrina, v. 13, n. 2, p. 266-287, jul/dez. 2013a.

_____. *Pré-construído e discurso transversal: ferramentas de derrisão em uma charge de Latuff*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v.9, n.2, p. 325-330, jul./dez. 2013b.

ESTADÃO. Os cartuns da revista “Punch”. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/ricardo-lombardi/os-cartuns-da-revista-punch/>. Acesso em: 5 de fev. 2016.

RAFAT ALKHATEEB CARTOONS. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/The.Cartoonist.Rafat/photos/a.575757379165187.1073741831.203363249737937/895748953832693/?type=3&theater>. Acesso em: 30 de jan. 2016.

FERNANDES, Carolina. *Imagens em rede: a opacidade da imagem e a leitura polissêmica*. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.) *Oficinas de Análise do Discurso: Conceitos em movimento*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Saiba quais são os principais conflitos que alimentam a crise de refugiados na Europa*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/09/1676793-saiba-quais-sao-os-conflitos-que-alimentam-a-crise-de-refugiados-na-europa.shtml>. Acesso em: 5 de fev. 2016.

LAGAZZI, Suzy. *A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia*. Revista eletrônica de estudos do discurso e do corpo. Vol. 3, nº 1. Jan– jun de 2013. (ISSN: 2316-1213 – versão eletrônica).

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

MACHADO, Rosely Diniz da Silva. *O funcionamento discursivo de charges políticas*. Dissertação de Mestrado. Pelotas (RS): UCP: 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A Linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. 6ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

_____. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. et. al. *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 2.ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Péricles Cunha. 3.ed. Editora Unicamp, 1997. p. 163-252.

QUEVEDO, Marchiori Quadrado de. Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos: Um exercício de análise da imagem com base na Análise de Discurso. Dissertação de Mestrado. Pelotas: UCPel, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento*: política e filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

SILVA, Renata Silveira. *O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT*. Tese de doutorado. Pelotas: UCPel, 2010.

VARGAS, Rejane A.; MEDEIROS, Caciene Souza de.; BECK, Maurício. Imagens da/na contemporaneidade: um convite à análise, uma convocação à teoria. RUA [online]. 2011, no. 17. Volume 2 – ISSN 1413-2109.